

Violência por parceiro íntimo em universitários

crenças legitimadoras de violência conjugal e esquemas iniciais desadaptativos

Violencia de pareja en estudiantes universitarios: creencias legitimadoras sobre violencia doméstica y esquemas desadaptativos tempranos
Intimate partner violence in college students: legitimizing beliefs about domestic violence and early maladaptive schemas



Alessandra Richter Neves Peruchin
Ana Cristina Garcia Dias
Marco Antônio Pereira Teixeira

Photo stock studio

Photo By/Foto:

Rip
18³

Volumen 18 #3 sep-dic
18 Años



Revista Iberoamericana de
Psicología

ISSN-I: 2027-1786 | e-ISSN: 2500-6517
Publicación Cuatrimestral

ID: [10.33881/2027-1786.rip.18302](https://doi.org/10.33881/2027-1786.rip.18302)

Title: Intimate partner violence in college students

Subtitle: legitimizing beliefs about domestic violence and early maladaptive schemas

Título: Violencia de pareja en estudiantes universitarios

Subtítulo: Creencias legitimadoras sobre violencia doméstica y esquemas desadaptativos tempranos

Título: Violência por parceiro íntimo em universitários

Subtítulo: crenças legitimadoras de violência conjugal e esquemas iniciais desadaptativos

Alt Title / Título alternativo:

[en]: Intimate partner violence in college students: legitimizing beliefs about domestic violence and early maladaptive schemas

[es]: Violencia de pareja en estudiantes universitarios: creencias legitimadoras sobre violencia doméstica y esquemas desadaptativos tempranos

[pt]: Violência por parceiro íntimo em universitários: crenças legitimadoras de violência conjugal e esquemas iniciais desadaptativos

Author(s) / Autor(es):

Richter Neves Peruchin, Garcia Dias & Pereira Teixeira

Keywords / Palabras Clave:

[en]: Beliefs, College students, Intimate partner violence, Maladaptive schemas

[es]: Creencias, Esquemas desadaptativos, Estudiantes Universitarios, Violencia de pareja íntima

[pt]: Crenças, Esquemas desadaptativos, Estudante Universitário, Violência por parceiro íntimo

Submitted: 2024-10-30

Accepted: 2025-03-04

Alessandra **Richter Neves Peruchin**, Mgtr Esp Psi

ORCID: [0009-0008-5855-0968](https://orcid.org/0009-0008-5855-0968)

Source | Filiacion:
UFRGS

BIO:
Psicóloga, Maestra en Psicología Clínica y Especialista en Terapia Cognitivo Comportamental

City | Ciudad:
Porto Alegre [br]

e-mail:
00207278@ufrgs.br

Resumen

La Violencia de Pareja Íntima (VPI) tiene múltiples impactos en la salud física y mental de los estudiantes universitarios. El ingreso a la vida adulta y la continuidad de los estudios en la educación superior implican diversas transformaciones, que pueden volverse aún más estresantes cuando se experimentan junto con situaciones de VPI. El objetivo de este estudio fué identificar posibles relaciones entre VPI, creencias legitimadoras de la violencia conjugal y esquemas desadaptativos tempranos. Se considera que los Esquemas Desadaptativos Tempranos (EDT) y las creencias sobre la violencia conjugal pueden ayudar a comprender las experiencias de VPI. Para evaluar estas asociaciones, 163 estudiantes universitarios, con y sin vivencias de VPI, respondieron de manera online y anónima los siguientes instrumentos: cuestionario de datos sociodemográficos, la Escala Táctica de Conflictos (CTS2), el cuestionario de esquemas de Young (YSQ-S3), la Escala de Creencias sobre la Violencia Conyugal (ECVC) y la Escala de Depresión, Ansiedad y Estrés (DASS-21). En general, los resultados mostraron que los niveles de violencia física y psicológica, tanto sufrida como perpetrada, presentaron correlaciones positivas con los esquemas desadaptativos tempranos, aunque estas correlaciones fueron bajas o cercanas a cero para algunos tipos de esquemas. En relación a las creencias legitimadoras de la violencia, se observó una asociación positiva con todos los tipos de violencia, tanto desde la posición de víctima como de perpetrador. Los resultados se discuten a la luz de la literatura existente.

Abstract

Intimate Partner Violence (IPV) brings numerous impacts on the physical and mental health of college students. Transitioning into adulthood and continuing studies in higher education are marked by various changes, which can become even more stressful when experienced alongside situations of IPV. The aim of this study was to identify possible relationships between IPV, legitimizing beliefs of conjugal violence, and early maladaptive schemas. It is believed that Early Maladaptive Schemas (EMS) and beliefs about conjugal violence can help understand IPV experiences. To assess these associations, 163 college students, with and without experience of IPV, anonymously responded online to the following instruments: sociodemographic data questionnaire, Conflict Tactics Scale (CTS2), Young Schema Questionnaire (YSQ-S3), Beliefs about Conjugal Violence Scale (BCVS), and Depression, Anxiety, and Stress Scale (DASS-21). Overall, the results showed that levels of physical and psychological violence, both suffered and perpetrated, exhibited positive correlations with early maladaptive schemas, although the correlations were low or even close to zero for some types of early maladaptive schemas. Regarding legitimizing beliefs of violence, a positive association was observed with all types of violence, both regarding victim and perpetrator positions. The results are discussed in light of the literature.

Resumo

A Violência por Parceiro Íntimo (VPI) traz inúmeros impactos na saúde física e mental de estudantes universitários. O ingresso na vida adulta e o prosseguimento dos estudos no ensino superior são permeados por diversas mudanças, que podem tornar-se ainda mais estressoras quando vividas em conjunto com situação de VPI. O objetivo deste estudo foi identificar possíveis relações entre VPI, crenças legitimadoras de violência conjugal e esquemas iniciais desadaptativos. Acredita-se que os Esquemas Iniciais Desadaptativos (EIDs) e as crenças acerca da violência conjugal podem ajudar a compreender as experiências de VPI. Para avaliar essas associações, 163 estudantes universitários, com e sem vivência de VPI, responderam de forma online e anônima os seguintes instrumentos: questionário de dados sociodemográficos, Escala Tática de Conflitos (CTS2), questionário de esquemas de Young (YSQ-S3), Escala de Crenças sobre a Violência conjugal (E.C.V.C) e a Escala de Depressão, Ansiedade e Estresse (DASS-21). De um modo geral, os resultados mostraram que os níveis de violência física e psicológica, tanto sofrida quanto perpetrada, apresentaram correlações positivas com os esquemas iniciais desadaptativos, embora as correlações tenham sido baixas ou mesmo próximas a zero para alguns tipos de esquemas iniciais desadaptativos. Em relação às crenças legitimadoras de violência, observou-se uma associação positiva com todos os tipos de violência, tanto no que diz respeito às posições de vítima e perpetrador. Os resultados são discutidos à luz da literatura.

Citar como:

Richter Neves Peruchin, A., Garcia Dias, A. C. & Pereira Teixeira, M. A. (2025). Violencia de pareja en estudiantes universitarios: Creencias legitimadoras sobre violencia doméstica y esquemas desadaptativos tempranos. *Revista Iberoamericana de Psicología*, 18 (3), 13-27. Obtenido de: <https://reviberopsicologia.ibero.edu.co/article/view/3107>

Dr Marco Antônio **Pereira Teixeira**, Dr Mgtr Psi
ORCID: [0000-0001-7981-9788](https://orcid.org/0000-0001-7981-9788)

Source | Filiacion:
UFRGS

BIO:
Psicólogo, con maestría y doctorado. Docente investigador

City | Ciudad:
Porto Alegre [br]

e-mail:
neic.ufrgs@gmail.com

Dra Ana Cristina **Garcia Dias**, PhD Dra Esp Psi
ORCID: [0000-0003-2312-3911](https://orcid.org/0000-0003-2312-3911)

Source | Filiacion:
UFRGS

BIO:
Posdoctorada en Psicología. Doctora en Psicología Escolar y Desarrollo Humano. Especialista en Procesos de Activación del Cambio en la Educación Superior

City | Ciudad:
Porto Alegre [br]

e-mail:
neic.ufrgs@gmail.com



Violência por parceiro íntimo em universitários

crenças legitimadoras de violência conjugal e esquemas iniciais desadaptativos

Violencia de pareja en estudiantes universitarios: creencias legitimadoras sobre violencia doméstica y esquemas desadaptativos tempranos

Intimate partner violence in college students: legitimizing beliefs about domestic violence and early maladaptive schemas

Alessandra **Richter Neves Peruchin**

Ana Cristina **Garcia Dias**

Marco Antônio **Pereira Teixeira**

A violência realizada por parceiro íntimo (**VPI**) tem sido foco de diversos estudos por ser considerada um problema de saúde pública (**Organização Mundial da Saúde – OMS, 2021**). A VPI pode ser definida como o abuso de uma pessoa sobre a outra, em numa relação específica de intimidade, podendo ocorrer em relações maritais e não maritais, atuais ou passadas, de caráter heterossexual ou homossexual (**Krishnan et al., 2020**). A VPI é uma das formas mais comuns de violência interpessoal, sendo considerada uma violação dos direitos humanos e que afeta o mundo todo, causando sérios problemas à saúde física e mental a curto e longo prazo (**OMS, 2021**). Os atos abusivos ocorrem, de maneira geral, em relações mais duradouras na qual há coabitação entre os parceiros (**Centers for Disease Control and Prevention, 2022**). No entanto, a VPI pode existir mesmo em relacionamentos sem coabitação, o que muitas vezes é o caso entre pessoas mais jovens, como estudantes universitários (**Neilson et al., 2023**).

Algumas vivências relacionadas ao contexto do ensino superior podem ser um fator de risco para a ocorrência de VPI. Por exemplo, o ambiente social onde os alunos vivem, no qual há interação com outros estudantes, pode influenciar a adoção de comportamentos nocivos de seus colegas, como beber compulsivamente e se comportar de maneira violenta nas relações íntimas (**Duval et. al., 2020; Graham et al., 2021**). A imaturidade e autonomia incipientes, associadas às diversas mudanças que ocorrem nesse período, também torna os estudantes universitários um grupo de risco para VPI. A pouca experiência com relacionamentos íntimos, muitos deles construídos no contexto da universidade, pode dificultar a identificação dos sinais iniciais de abuso, contribuindo tanto para o envolvimento quanto para a perpetração da violência (**Dantas, 2023; Kisa & Zeyneloglu, 2019**).



Violência por parceiro íntimo em universitários crenças legitimadoras de violência conjugal e esquemas iniciais desadaptativos

Pesquisas em contexto universitário têm demonstrado que uma parcela significativa de estudantes adota condutas violentas no contexto de suas relações (Choi et al., 2024; Scavone, 2015; Soria Villarez, 2024). Experienciar VPI durante a faculdade pode trazer várias consequências, como autopercepções negativas, autoeficácia diminuída, sintomas de depressão e baixo desempenho acadêmico (Brewer & Thomas, 2019; Pinheiro, 2021; Schrag & Busch-Armendariz, 2020). Assim, a VPI é um fenômeno que produz consequências negativas sobre a saúde mental e o desempenho acadêmico de estudantes universitários, o que ressalta a importância de estudos com essa população.

Ainda que o contexto universitário possa ser um ambiente de vulnerabilidade para VPI, são características psicológicas e experiências de vida anteriores, tais como abuso infantil e relacionamentos violentos entre os pais, os fatores que melhor explicam por que os indivíduos se envolvem em VPI, seja como perpetradores ou vítimas da violência. Além disso, crenças como a de que violência em um relacionamento é aceitável socialmente ou que ser violento é sinônimo de afeto e cuidado também são fatores preditivos de VPI (de Carvalho Mota, 2021; Elmquist et al., 2014; Neves et al., 2022).

Entre os fatores psicológicos associados a VPI estão os esquemas iniciais desadaptativos (EIDs). Os EIDs são padrões comportamentais, emocionais e cognitivos autoderrotistas iniciados na infância e repetidos ao longo da vida (Wainer & Rijo, 2016). Eles se constituem a partir de experiências traumáticas do início do desenvolvimento humano, quando necessidades emocionais básicas como segurança e nutrição emocional não são devidamente asseguradas à criança (Pilkington et al., 2021). Na vida adulta, os EIDs são ativados por eventos que estão relacionados a experiências vividas na infância. Apesar de causarem sofrimento, esses eventos mantêm padrões emocionais e comportamentais já conhecidos e confortáveis para o indivíduo (Boscardin & Kristensen, 2011).

A Teoria do Esquema (Young et al., 2008) propõe a existência de 18 EIDs, organizados em cinco grandes domínios: Desconexão/rejeição (privação emocional, abandono, desconfiança/abuso, isolamento social/alienação, defectividade/vergonha), Autonomia/desempenho prejudicados (dependência/incompetência, vulnerabilidade ao dano e doença, emaranhamento/self subdesenvolvido, fracasso), Orientação para o outro (subjulação, autossacrifício, busca de aprovação/reconhecimento), Limites prejudicados (arrogância/grandiosidade, autocontrole/autodisciplina insuficientes) e Supervigilância/inibição (negativismo/pessimismo, inibição emocional, padrões inflexíveis/postura crítica exagerada, postura punitiva).

A química esquemática consiste em escolher parceiros que ativam padrões esquemáticos disfuncionais (Young et al., 2008). Nesse sentido, taxas mais elevadas de EIDs foram encontradas em mulheres que estão em relacionamentos amorosos violentos, quando comparadas com as que não estão com (Momeñe et al., 2021). Os EIDs apresentados pelas vítimas de VPI favorece a permanência nessas relações, assim como a repetição desse padrão de relacionamento (Oliveira e Bergamini, 2018).

Contudo, evidências empíricas sugerem que apenas alguns EIDs parecem mais diretamente relacionados a VPI, mas especificamente os esquemas de privação emocional, desconfiança/abuso, autossacrifício e vulnerabilidade (Acero & Rios-Cataño, 2022; Algarves, 2018; Barbosa et al., 2019; Paim & Falcke, 2018). Outros estudos, porém, identificaram outros EIDs associados à VPI, como os esquemas de defectividade/vergonha e de desconfiança/abuso (Paim & Falcke, 2018), assim como os esquemas de abandono/instabilidade, vulnerabilidade ao dano/doença, autossacrifício, negatividade/

pessimismo e inibição emocional (Algarves, 2018). Observa-se, assim, uma maior associação de EIDs dos domínios Desconexão/rejeição, Autonomia/desempenho prejudicados e Orientação para o outro com a VPI.

Outro fator que pode contribuir para a ocorrência de VPI são as crenças das pessoas sobre a legitimidade da violência nas relações íntimas ou conjugais. Pesquisadores ressaltam a carência de estudos que compreendam o papel das crenças que podem levar à naturalização da violência no relacionamento (Barbosa et al., 2019). Por exemplo, a crença de que o ciúme é algo bom pode estar relacionada a comportamentos controladores, sendo vista como medo de perder o parceiro, ou preocupação com o relacionamento (de Souza, da Silva & Beiras, 2021).

De fato, a romantização do ciúme é potencialmente problemática, visto que pesquisas identificaram o ciúme como um desencadeador de VPI (de Oliveira Ferreira, Senra & Moura, 2023; Hellmuth et al., 2012). A romantização do ciúme é vista como uma crença que influencia os indivíduos a desculpar os atos violentos nas relações íntimas (de Carvalho Mota, 2021). Em um estudo, as crenças de ciúme romântico foram associadas com a avaliação de VPI não física como menos abusiva, ou seja, as crenças dificultavam a identificação da violência (Minto et al., 2022). Portanto, há evidências de que crenças que legitimam a violência nos relacionamentos contribuem para que a VPI ocorra, sendo uma variável importante a ser considerada nas pesquisas.

Quando se trata da população universitária, usualmente no início da idade adulta, as pesquisas sugerem que os EIDs estão associados com traumas de infância (Goodman et al., 2021; Wright et al., 2009), problemas alimentares, regulação emocional (Yurtseven & Sütçü, 2017), sintomas depressivos (Pinheiro, 2021), e autoestima (Alp Yilmaz & Şener Taplak, 2021). Porém, ainda existe um número limitado de estudos focados em relacionamentos. Assim, explorar os fatores que podem estar envolvidos no desenvolvimento e na manutenção da VPI, e se esses elementos diferem dependendo do tipo de abuso (psicológico ou físico) é essencial para delimitação do risco, prevenção e tratamento de vítimas de relações violentas.

Este estudo teve os seguintes objetivos: a) Descrever os níveis de VPI, das crenças legitimadoras de violência conjugal e de sintomatologia de depressão, ansiedade e estresse na amostra; b) Investigar diferenças entre homens e mulheres quanto aos níveis de VPI, de crenças legitimadoras de violência conjugal e de sintomatologia de depressão, ansiedade e estresse; c) Verificar a relação entre VPI, esquemas iniciais desadaptativos, crenças legitimadoras de violência conjugal e sintomatologia de estresse, ansiedade e depressão (considerando os esquemas desadaptativos dos domínios de “desconexão/rejeição”, “autonomia/desempenho prejudicados” e “orientação para o outro”); d) Identificar os esquemas iniciais desadaptativos que melhor predizem os diferentes tipos de violência conjugal, em conjunto com as crenças legitimadoras de violência conjugal e o nível de sintomatologia de depressão, ansiedade e estresse (considerando os esquemas desadaptativos Privação Emocional, Desconfiança/Abuso, Autossacrifício e Vulnerabilidade).

As seguintes hipóteses foram estipuladas para esse estudo:

- **H1:** Homens apresentarão escores mais elevados de violência perpetrada do que as mulheres, tanto no que se refere à violência física (H1a) quanto psicológica (H1b).
- **H2:** Mulheres apresentarão escores mais elevados de violência sofrida do que os homens, tanto no que se refere à violência física (H2a) quanto psicológica (H2b).

- **H3:** Homens apresentarão escores mais elevados de crenças legitimadoras de violência conjugal do que as mulheres.
- **H4:** Mulheres apresentarão escores mais elevados de depressão, ansiedade e estresse do que os homens.
- **H5:** O nível da violência física sofrida e perpetrada (**H5a**) e psicológica sofrida e perpetrada (**H5b**) apresentará correlação positiva com os esquemas iniciais desadaptativos dos domínios “**desconexão/rejeição**”, “**autonomia/desempenho prejudicados**” e “**orientação para o outro**”.
- **H6:** As crenças legitimadoras de violência conjugal apresentarão correlação positiva com o grau de VPI tanto para violência física e psicológica perpetrada (**H6a**) quanto para violência física e psicológica sofrida (**H6b**).
- **H7:** Os scores de VPI serão preditos pelas crenças legitimadoras da violência conjugal e os esquemas desadaptativos Privação Emocional, Desconfiança/Abuso, Autossacrifício e Vulnerabilidade, controlando para sexo e sintomatologia de estresse, ansiedade e depressão.

Método

Participantes

Participaram do estudo 163 estudantes de nível superior, sendo 126 mulheres (77,3%) e 37 homens (22,7%) com média de idade de 26,4 anos (DP=7,06). A maioria estava cursando a graduação (80%) e os demais a pós-graduação. Em termos raciais, a amostra foi composta predominantemente por pessoas autodeclaradas brancas (73%), seguidas por pardas (14%), negras (10%), indígenas (2%) e amarelas (1%). A situação de relacionamento conjugal mais comum foi namoro (53%), seguida por casado/união estável (23%), solteiro (23%), e separado/divorciado (1%). Os critérios de inclusão na amostra foram ser estudante universitário (de graduação ou pós graduação) e ter estado em um relacionamento íntimo nos últimos 12 meses (não sendo necessário estar em um relacionamento no momento da pesquisa). Não houve critérios de exclusão. Para este estudo, foi considerado relacionamento íntimo como conceito amplo, que abrange desde uma relação curta até a coabitação (Superior Tribunal de Justiça [STJ], 2017).

Instrumentos

Questionário de dados sociodemográficos: Questionário composto por perguntas para descrever características sociais e demográficas dos(as) participantes da pesquisa, tais como idade, gênero, estado civil, orientação sexual e envolvimento em relacionamento íntimo. O envolvimento em relacionamento íntimo foi avaliado através das seguintes questões: “**Você teve algum relacionamento amoroso nos últimos 12 meses?**”, com opções de resposta sim ou não, e “**Foi apenas um ou foi mais de um relacionamento amoroso nos últimos 12 meses?**”, com as opções “**apenas um**” e “**mais de um**”. Caso a pessoa marcasse “**mais de um**” era instruída a pensar no relacionamento considerado mais marcante, seja por características positivas ou negativas, e que respondesse à pesquisa pensando nesse relacionamento. Quem respondesse não ter estado em relacionamento amoroso nos últimos 12 meses era informado que sua situação não atendia o objetivo da pesquisa, e o formulário era interrompido.

Escalas Tática de Conflito Revisada (**CTS-2**): Desenvolvida por Straus et al. (1996) e traduzida e adaptada para o Brasil por Moraes, Hasselman e Reichenheim (2002), este instrumento foi utilizado para identificar a violência presente nas relações íntimas dos participantes. A CTS-2 busca mensurar a extensão das agressões físicas e psicológicas sofridas ou perpetradas em um relacionamento íntimo, assim como o uso de diferentes técnicas para a resolução de conflitos. Dessa forma, a violência abordada neste estudo foi definida com base na avaliação dos critérios do instrumento CTS2 para identificar a violência física global. A escala é composta por 78 itens que descrevem possíveis ações do respondente e, reciprocamente, de seu companheiro, com tempo médio resposta entre dez a treze minutos. O instrumento é composto por cinco escalas que representam as seguintes dimensões: 1) violência física; 2) agressão psicológica; 3) coerção sexual; 4) injúria; 5) negociação. Neste estudo, foram utilizadas as subescalas violência física, que contém 8 itens, e agressão psicológica, que contém 12 itens. Segundo Straus (2008), a classificação de violência física é dividida entre agressões leves: empurrar, agarrar, dar tapa, jogar objeto, torcer o braço e puxar o cabelo; ou agressões graves: socar, bater, chutar, jogar contra a parede, queimar ou escaldar, usar uma faca como arma. Já a violência psicológica é caracterizada por envolver agressões não físicas: insultar, xingar, gritar, ofender, ameaçar e virar as costas em meio a uma briga; ou grave: ofender de feio, gordo, “**ruim de cama**” ou algo parecido e destruir objeto pessoal do companheiro. Em relação à caracterização da presença ou ausência de violência, foi utilizada a proposta de Straus et al. (1996) que considera a presença de violência caso haja uma resposta positiva em pelo menos um dos itens de cada escala. O valor do alfa de Cronbach referente à escala total para a perpetração é 0,79 e para a vitimização 0,80 (Moraes et al., 2002). Os valores de consistência interna para as dimensões agressão psicológica (perpetrador, $\alpha = 0,77$; vítima, $\alpha = 0,73$) e agressão física (perpetrador, $\alpha = 0,86$; vítima, $\alpha = 0,75$) indicam boa confiabilidade. Os dados obtidos através da CTS2 foram analisados de maneira dicotômica, conforme já realizado em outros estudos (Viana, 2022; Leite et al., 2022). Sendo assim, as respostas aos itens são convertidas em 1 quando a situação aconteceu uma ou mais vezes, ou 0 quando não aconteceu. Neste estudo, os valores do alfa de Cronbach foram de 0,77 para perpetração e de 0,83 para vitimização, considerando violência psicológica e física conjuntamente. Para as subescalas os valores encontrados para agressão psicológica foram de $\alpha = 0,61$ (perpetrador) e $\alpha = 0,74$ (vítima), e para agressão física $\alpha = 0,82$ (perpetrador) e $\alpha = 0,79$ (vítima).

Questionário de Esquemas de Young – Versão Breve (**YSQ-S3**): é uma versão reduzida, composta de 90 itens que avalia 18 Esquemas Iniciais Desadaptativos. Cada EID é apresentado em um conjunto de cinco itens, e a resposta é dada em uma escala tipo Likert com pontuações de 1 a 6 pontos, desde “**completamente falso**” até “**descreve-me perfeitamente**”. Neste estudo foi utilizada a versão adaptada para o Brasil por Souza et. al. (2020). No que se refere à consistência interna global o instrumento apresentou o alfa de Cronbach de 0,965, considerado excelente. Neste estudo foram utilizadas as dimensões correspondentes aos esquemas dos domínios Desconexão/Rejeição, Autonomia/Desempenho Prejudicados e Orientação para o outro, que correspondem a 65 itens, pois de acordo com a literatura prévia, tais esquemas são os que mais têm demonstrado associação à VPI (Acero & Rios-Cataño, 2022; Crawford & Wright, 2007; Khosravi et al., 2011; Paim et al., 2012). O 1º domínio “**Desconexão e rejeição**” se refere ao conjunto de esquemas relacionados a dificuldades de formar vínculos seguros e estáveis com outras pessoas. Em geral, as pessoas costumam apresentar características de instabilidade, abuso, frieza, rejeição ou isolamento do mundo exterior. Os cinco EIDs desse domínio e seus respectivos alfa de Cronbach são: Abandono/Instabilidade (0,88); Desconfiança/Abuso (0,83); Privação emocional (0,84); Defeitividade/Vergonha (0,85) e Isolamento social/Alienação (0,85). O 2º domínio “**Autonomia/desempenho prejudicados**” está relacionado



Violência por parceiro íntimo em universitários crenças legitimadoras de violência conjugal e esquemas iniciais desadaptativos

à dificuldade do indivíduo de reconhecer sua capacidade de viver de forma autônoma ou ter um bom desempenho. Pessoas com esquemas desse domínio sentem-se extremamente vulneráveis e dependentes dos outros. Os esquemas desse domínio e seus respectivos alfa de Cronbach são: Dependência/Incompetência (**0,77**), Vulnerabilidade ao dano ou à doença (**0,76**), Emaranhamento/Self Subdesenvolvido (**0,80**) e Fracasso (**0,92**). Por fim, o 3º domínio “**Orientação para o outro**” está relacionado com sentir-se coagido, suprimir preferências, desejos e opiniões para evitar ser abandonado, assim como focar nas necessidades dos outros em detrimento das próprias. Os esquemas desse domínio e seus respectivos alfa de Cronbach são: Subjugação (**0,85**), Autossacrifício (**0,78**), Busca de Aprovação/Reconhecimento (**0,83**).

Na amostra do presente estudo, os EIDs dos domínios investigados apresentaram boa consistência interna: Privação Emocional $\alpha = 0,82$; Abandono $\alpha = 0,92$; Desconfiança/Abuso $\alpha = 0,84$; Isolamento Social/Alienação $\alpha = 0,89$; Defectividade/Vergonha $\alpha = 0,92$; Fracasso $\alpha = 0,93$; Dependência/Incompetência $\alpha = 0,74$; Vulnerabilidade ao Dano e Doença $\alpha = 0,78$; Emaranhamento/Self Subdesenvolvido $\alpha = 0,68$; Subjugação $\alpha = 0,86$; Autossacrifício $\alpha = 0,82$; Busca de Aprovação/Reconhecimento $\alpha = 0,84$.

Escala de Crenças sobre a Violência Conjugal (**ECVC**): Instrumento utilizado para avaliar as crenças legitimadoras de violência conjugal. É composto por **25** itens com escala Likert de **1** a **5** (1: discordo totalmente, 5: concordo totalmente). Neste estudo foi utilizado uma versão adaptada para o português do Brasil por Moura et al. (**2020**), a partir da escala desenvolvida por Machado et al. (**2006**). A versão brasileira possui alfa de Cronbach **0,89**. No presente estudo, o alfa de Cronbach para a ECVC foi de **0,87**.

Escala de Depressão, Ansiedade e Estresse (**DASS-21**): Validada para o Brasil por Vignolia e Tuci (**2014**), a escala conta com um total de **21** itens, divididos em três subescalas de sete itens cada, para avaliação de sintomatologia de depressão, ansiedade e estresse. Os dados da validação brasileira indicam boa consistência interna da escala, sendo que para a subescala de Depressão foi de **0,92**; para a de Estresse foi de **0,90** e de **0,86** para Ansiedade. Para este estudo, a consistência interna da escala total foi de $\alpha = 0,96$ e referente às subescalas a consistência interna observada foi de $\alpha = 0,90$ para estresse, $\alpha = 0,92$ para depressão e $\alpha = 0,91$ para ansiedade. O escore total foi obtido fazendo-se a médias dos escores das subescalas de depressão, ansiedade e estresse.

Procedimentos

Os participantes foram convidados através de e-mail e redes sociais, utilizando-se os contatos e redes dos pesquisadores para tomarem parte na pesquisa. A coleta de dados foi realizada através de um formulário eletrônico online anônimo. Antes de responderem aos instrumentos, solicitou-se aos participantes que lessem e concordassem com um

Tabela 1
Indicadores de violência conjugal

	Número de eventos distintos de violência indicados*										
	0	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10
Violência psicológica											
Vítima											
Contagem (casos)	53	32	24	21	18	10	1	2	2	-	-
%	32,5	19,6	14,7	12,9	11,0	6,1	0,6	1,2	1,2		
Perpetrador											

termo de consentimento livre e esclarecido sobre a pesquisa. O estudo foi previamente aprovado por um comitê de ética em pesquisa da universidade à qual os pesquisadores estavam vinculados.

Análise dos dados

Análises descritivas foram realizadas para caracterizar a amostra em relação a idade, sexo, status socioeconômico, raça e os níveis observados de VPI e pontuação nos diferentes domínios esquemáticos. Para as comparações entre grupos de homens e mulheres nos níveis de VPI (**H1, H2**), nas pontuações referentes às crenças legitimadoras da violência conjugal (**H3**) e nos sintomas de depressão, ansiedade e estresse (**H4**) foi utilizado o teste t de Welch, após verificação dos pressupostos de homogeneidade de variâncias pelo teste de Levene, e os de normalidade com o teste Shapiro-Wilk. Para verificar a associação entre VPI e os esquemas iniciais desadaptativos (**H5**) e VPI e crenças legitimadoras da violência conjugal (**H6**) foi utilizada a correlação de Pearson.

Por fim, a análise de regressão de Poisson foi conduzida para identificar os melhores preditores de violência psicológica sofrida e perpetrada (**H7**), tendo como preditores o escore de crenças sobre violência conjugal e alguns esquemas presentes nos domínios de desconexão/rejeição (privação emocional e desconfiança/abuso), autonomia/desempenho prejudicados (vulnerabilidade ao dano e doença), e direcionamento para o outro (autossacrifício), controlando para sexo (variável dummy; 0=Feminino, 1=Masculino) e níveis de sintomatologia total da DASS-21. A regressão de Poisson foi utilizada porque a variável de desfecho (**VPI**) constitui-se em uma contagem (número de situações de violência sofridas ou perpetradas). Para a violência física sofrida e perpetrada foi utilizada a regressão binomial negativa considerando a maior presença de contagens zero e melhor ajuste do modelo dada a dispersão dos dados. Os mesmos preditores foram incluídos nos modelos de violência física sofrida e perpetrada. Os devidos testes diagnósticos foram realizados para verificar a adequabilidade dos dados em relação à dispersão dos dados, presença de outliers e multicolinearidade entre as variáveis. Todas as análises foram conduzidas no Software R (**R Core Team, 2021**).

Resultados

A Tabela 1 mostra a ocorrência de violência conjugal observada na amostra. Verificou-se que **67,5%** dos participantes relataram terem sido vítimas de violência psicológica e **18,4%** de violência física (ou seja, reportaram ao menos um evento de violência). Ainda, **72,4%** relataram perpetrar algum tipo de violência psicológica e **14,7%** violência física. Outras informações relacionadas à ocorrência de eventos de violência conjugal são exibidas na Tabela 1.

	Número de eventos distintos de violência indicados*										
	0	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10
Contagem (casos)	45	33	41	17	19	6	1	1	0	-	-
%	27,6	20,2	25,2	10,4	11,7	3,7	0,6	0,6	0		
Violência física											
Vítima											
Contagem (casos)	133	11	6	5	3	3	1	0	1	0	1
%	81,6	6,7	3,7	3,1	1,8	1,8	0,6	0	0,6	0	0,6
Perpetrador											
Contagem (casos)	139	12	7	1	2	0	1	0	0	0	0
%	85,3	7,4	4,3	0,6	1,2	0	0,6	0	0	0	0

* Corresponde ao número de itens do CTS-2 nos quais os respondentes responderam indicando a ocorrência (de ao menos uma vez) do comportamento descrito em cada item.

A Tabela 2 apresenta as médias observadas nas variáveis da pesquisa, considerando a amostra total e homens e mulheres separadamente. Não foram observadas diferenças significativas entre homens e mulheres (**teste t de Welch**) quanto à violência perpetrada e sofrida (física ou psicológica). Portanto, as hipóteses H1a, H1b, H2a e H2b não foram corroboradas.

Por outro lado, verificaram-se diferenças significativas entre os gêneros quanto aos níveis das crenças legitimadoras de violência

conjugal, com os homens apresentando escores mais elevados do que as mulheres, com um tamanho de efeito moderado ($d=-0,58$), em acordo com H3. Também foram observadas diferenças de gênero nos níveis de sintomatologia de depressão, ansiedade e estresse, com as mulheres apresentando níveis mais altos do que os homens, corroborando H4 (igualmente com um efeito moderado, $d=0,51$). Adicionalmente, comparações para os esquemas iniciais desadaptativos não revelaram diferenças estatisticamente significativas entre homens e mulheres (ver Tabela 2).

Tabela 2
Estatísticas descritivas das variáveis do estudo e comparação por gênero

Variável	Média (Desvio-padrão)			t	p	d
	Total (n=163)	Homens (n=37)	Mulheres (n=126)			
Violência Psicológica Vítima	1,84 (1,86)	1,89 (1,95)	1,83 (1,84)	-0,16	0,872	-0,30
Violência Psicológica Perpetrador	1,74 (1,55)	1,56 (1,50)	1,80 (1,57)	0,82	0,412	0,15
Violência Física Vítima	0,48 (1,27)	0,48 (1,17)	0,48 (1,31)	-0,01	0,992	-0,00
Violência Física Perpetrador	0,32 (1,11)	0,16 (0,44)	0,37 (1,23)	1,59	0,112	0,23
ECVC	1,27 (0,30)	1,42 (0,40)	1,22 (0,24)	-2,78	0,008	-0,58
DASS-21	23,79 (16,28)	17,89 (13,10)	25,52 (16,76)	2,91	0,005	0,51
Privação Emocional	2,23 (1,15)	2,20 (1,08)	2,24 (1,18)	0,19	0,845	0,04
Autossacrifício	3,37 (1,19)	3,12 (1,08)	3,44 (1,21)	1,52	0,131	0,28
Vulnerabilidade ao dano e doença	3,02 (1,26)	2,77 (1,36)	3,09 (1,23)	1,27	0,208	0,24
Desconfiança/Abuso	2,86 (1,22)	2,73 (1,17)	2,90 (1,24)	0,76	0,448	0,14
Isolamento Social/Alienação	3,06 (1,40)	3,26 (1,38)	3,00 (1,41)	-0,98	0,327	-0,18
Abandono	2,97 (1,49)	2,75 (1,45)	3,03 (1,50)	1,01	0,316	0,19

Violência por parceiro íntimo em universitárioss
crenças legitimadoras de violência conjugal e esquemas iniciais desadaptativos

Variável	Média (Desvio-padrão)			t	p	d
	Total (n=163)	Homens (n=37)	Mulheres (n=126)			
Defectividade/Vergonha	2,12 (1,31)	2,60 (1,42)	2,66 (1,52)	-0,07	0,939	-0,01
Fracasso	2,65 (1,50)	2,60 (1,42)	2,66 (1,52)	0,22	0,822	0,04
Dependência/Incompetência	1,99 (0,88)	1,98 (0,85)	2,00 (0,90)	0,12	0,905	0,02
Emaranhamento	2,25 (0,99)	2,01 (0,84)	2,32 (1,02)	1,87	0,065	0,33
Subjugação	2,68 (1,32)	2,62 (1,25)	2,70 (1,35)	0,35	0,723	0,07
Busca de Aprovação	3,23 (1,26)	3,21 (1,35)	3,24 (1,23)	0,14	0,883	0,03

A Tabela 3 exibe as correlações entre as variáveis do estudo. Embora não tenha sido uma questão de pesquisa previamente elaborada, vale mencionar as correlações positivas observadas entre

os tipos de violência investigados. Em especial, destaca-se a associação entre perceber-se como vítima e perpetrador de violência, além da associação entre vitimização de violência psicológica e física.

Tabela 3
Correlações entre as variáveis do estudo

	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13	14	15	16	17
1. Violência Psicológica Vítima	—																
2. Violência Psicológica Perpetrador	0,66*	—															
3. Violência Física Vítima	0,63*	0,42*	—														
4. Violência Física Perpetrador	0,27*	0,50*	0,44*	—													
5. DASS21	0,24*	0,27*	0,27*	0,25*	—												
6. ECVC	0,16*	0,23*	0,23*	0,22*	0,04	—											
7. Privação Emocional	0,27*	0,19*	0,22*	0,21*	0,47*	0,18*	—										
8. Desconfiança/Abuso	0,23*	0,31*	0,26*	0,27*	0,54*	0,05	0,51*	—									
9. Vulnerabilidade ao dano e doença	0,24*	0,22*	0,23*	0,16*	0,62*	0,08	0,41*	0,54*	—								
10. Autossacrifício	0,35*	0,24*	0,22*	0,18*	0,40*	-0,03	0,45*	0,51*	0,40*	—							
11. Abandono	0,19*	0,13	0,14	0,13	0,58*	-0,03	0,47*	0,58*	0,57*	0,53*	—						
12. Isolamento Social/Alienação	0,08	0,11	0,13	0,13	0,46*	0,08	0,59*	0,53*	0,43*	0,35*	0,50*	—					
13. Defectividade/Vergonha	0,13	0,11	0,16*	0,15†	0,62*	0,10	0,68*	0,62*	0,60*	0,49*	0,63*	0,58*	—				
14. Fracasso	0,10	0,07	0,03	0,09	0,42*	0,02	0,45*	0,33*	0,48*	0,30*	0,53*	0,46*	0,58*	—			
15. Dependência/Incompetência	0,10	0,03	0,08	0,10	0,50*	0,14	0,46*	0,35*	0,57*	0,36*	0,58*	0,42*	0,62*	0,71*	—		
16. Emaranhamento	0,14	0,15*	0,07	0,15*	0,43*	0,10	0,45*	0,44*	0,44*	0,52*	0,58*	0,38*	0,51*	0,50*	0,55*	—	
17. Subjugação	0,23*	0,03	0,11	0,03	0,48*	0,03	0,55*	0,48*	0,54*	0,61*	0,74*	0,44*	0,65*	0,55*	0,60*	0,62*	—
18. Busca de Aprovação	0,02	0,10	0,00	0,17*	0,31*	0,06	0,26*	0,22*	0,37*	0,36*	0,51*	0,22*	0,34*	0,45*	0,44*	0,38*	0,47*

Nota: * $p < 0,05$; † $p = 0,053$

Como se observa, de um modo geral, os níveis de violência física e psicológica, tanto sofrida quanto perpetrada, apresentaram correlações positivas com os esquemas iniciais desadaptativos, embora as correlações tenham sido baixas ou mesmo próximas a zero para alguns tipos de EIDs. Portanto, os dados corroboraram apenas parcialmente as hipóteses H5a e H5b. Observou-se um padrão mais consistente de correlações entre violência conjugal (tanto física quanto psicológica, sofrida ou perpetrada) com os esquemas privação emocional e desconfiança/abuso (do domínio “**desconexão/rejeição**”), vulnerabilidade ao dano e doença (do domínio “**autonomia/desempenho prejudicados**”) e autossacrifício (do domínio “**orientação para o outro**”).

Para a violência psicológica sofrida, destacou-se a correlação com o esquema de autossacrifício ($r=0,35$), além das associações com privação emocional ($r=0,27$), desconfiança/abuso ($r=0,23$), vulnerabilidade ($r=0,24$), subjugação ($r=0,23$) e abandono ($r=0,19$). No caso da violência psicológica perpetrada, a correlação mais elevada foi com o esquema de desconfiança/abuso ($r=0,31$), seguida por autossacrifício ($r=0,24$), vulnerabilidade ($r=0,22$), privação emocional ($r=0,22$) e emaranhamento ($r=0,15$). Para a violência física sofrida, a maior correlação se verificou com o esquema de desconfiança/abuso ($r=0,26$), seguida por vulnerabilidade ($r=0,23$), autossacrifício ($r=0,22$), privação emocional ($r=0,22$) e defectividade/vergonha ($r=0,16$). Por fim, a violência física perpetrada mostrou associação mais forte com desconfiança/abuso ($r=0,27$), e um pouco mais fraca com privação emocional ($r=0,21$), autossacrifício ($r=0,18$), busca de aprovação ($r=0,17$), vulnerabilidade ($r=0,16$), emaranhamento ($r=0,15$) e defectividade/vergonha ($r=0,15$; esta última marginalmente significativa, $p=0,053$).

As crenças legitimadoras de violência conjugal apresentaram correlações significativas e positivas com o grau de VPI tanto para violência física ($r=0,22$) e psicológica ($r=0,23$) perpetradas quanto para violência física ($r=0,23$) e psicológica ($r=0,16$) sofridas (de acordo com hipóteses H6a e H6b). Os resultados mostram ainda que, de um modo geral, as crenças legitimadoras de violência não se mostraram

associadas com os esquemas iniciais desadaptativos, com exceção de uma associação fraca com esquema de privação emocional, do domínio “**desconexão/rejeição**” ($r=0,18$).

A Tabela 4 apresenta os coeficientes dos modelos de regressão de Poisson para as variáveis de violência psicológica sofrida e perpetrada e os modelos de regressão Binomial Negativa para as variáveis de violência física sofrida e perpetrada em universitários. As variáveis independentes selecionadas para o modelo foram os EIDs que são apontados na literatura como os mais fortemente relacionados com os tipos de violência (Privação Emocional; Desconfiança Abuso; Autossacrifício; Vulnerabilidade) (Acero & Rios-Cataño, 2022; Algarves, 2018; Barbosa et al., 2019). Além disso, as crenças legitimadoras sobre violência conjugal também foram incluídas como preditor, devido à associação entre as crenças e os comportamentos violentos, como as agressões físicas e verbais (escore da ECVC). Foram adicionadas como controle as variáveis sexo e nível de sintomatologia de depressão, ansiedade e estresse (escore total da DASS). De acordo com os resultados, para as vítimas de violência psicológica, as variáveis significativamente associadas com o número de eventos de violência sofrida incluíram a ECVC ($IRR=1,53$; $CI:1,06, 2,19$; $p=0,02$) e o esquema de autos sacrifício ($IRR=1,26$; $CI:1,12, 1,41$; $p=0,001$). Em relação à violência psicológica perpetrada, as variáveis associadas incluíram a ECVC ($IRR=1,90$; $CI:1,33, 2,73$; $p=0,001$) e o esquema de desconfiança/abuso ($IRR=1,14$; $CI:1,008, 1,29$; $p=0,03$). No que se refere à violência física sofrida, os resultados da regressão binomial negativa demonstraram que as variáveis significativamente associadas foram a ECVC ($IRR=5,03$; $CI:2,02, 12,52$; $p=0,001$), o esquema de desconfiança/abuso ($IRR=1,43$; $CI:1,028, 2,001$; $p=0,03$) e os escores de sintomatologia total da DASS21 ($IRR=1,028$; $CI:1,001, 1,054$; $p=0,03$). O esquema de autossacrifício não apresentou significância ($IRR=1,30$; $CI:0,971, 1,74$; $p=0,07$). Por fim, em relação ao número de eventos de violência física perpetrada as variáveis significativamente associadas incluíram a ECVC ($IRR=4,72$; $CI:1,62, 13,75$; $p=0,004$) e o esquema de desconfiança/abuso ($IRR=1,69$; $CI:1,14, 2,51$; $p=0,009$).

Tabela 4
Coeficientes da regressão de Poisson e Binomial Negativa para os modelos de violência física e psicológica

Preditores	B	χ^2 Wald	p	Exp(B)	Int. Confiança 95%	
					Inferior	Superior
Violência Psicológica (Vítima)						
Sexo	-0,098	0,440	0,507	0,907	0,679	1,211
ECVC	0,426	5,353	0,021	1,531	1,067	2,196
Privação Emocional	0,055	0,918	0,338	1,056	0,944	1,182
Desconfiança/Abuso	-0,024	0,150	0,699	0,976	0,864	1,103
Autossacrifício	0,234	16,08	0,001	1,264	1,127	1,418
Vulnerabilidade	0,038	0,397	0,529	1,039	0,923	1,169
DASS21	0,004	0,771	0,380	1,004	0,995	1,014
Violência Psicológica (Perpetrador)						
Sexo	0,155	0,945	0,331	1,168	0,854	1,597
ECVC	0,647	12,36	0,001	1,909	1,331	2,738
Privação Emocional	-0,049	0,660	0,416	0,952	0,845	1,072
Desconfiança/Abuso	0,133	4,317	0,038	1,142	1,008	1,295
Autossacrifício	0,090	2,312	0,128	1,095	0,974	1,230
Vulnerabilidade	-0,010	0,026	0,871	0,990	0,877	1,117
DASS21	0,006	1,602	0,206	1,006	0,997	1,016
Violência Física (Vítima)						



Preditores					Int. Confiança 95%	
	B	X ² Wald	p	Exp(B)	Inferior	Superior
Sexo	-0,089	0,047	0,828	0,915	0,411	2,039
ECVC	1,617	12,10	0,001	5,037	2,026	12,525
Privação Emocional	-0,034	0,046	0,830	0,966	0,706	1,323
Desconfiança/Abuso	0,360	4,495	0,034	1,434	1,028	2,001
Autossacrifício	0,263	3,106	0,078	1,301	0,971	1,745
Vulnerabilidade	-0,092	0,321	0,571	0,912	0,663	1,254
DASS21	0,027	4,294	0,038	1,028	1,001	1,054
Violência Física (Perpetrador)						
Sexo	0,655	1,515	0,218	1,926	0,678	5,468
ECVC	1,552	8,089	0,004	4,721	1,620	13,755
Privação Emocional	-0,084	0,183	0,669	0,920	0,627	1,350
Desconfiança/Abuso	0,528	6,896	0,009	1,696	1,143	2,516
Autossacrifício	0,082	0,228	0,633	1,086	0,775	1,520
Vulnerabilidade	-0,246	1,557	0,212	0,782	0,532	1,151
DASS21	0,023	2,356	0,125	1,024	0,994	1,054

Nota. Em negrito efeitos estatisticamente significativos ($p < 0,05$). ECVC = Escalas de crenças sobre violência conjugal; DASS21 = Escala de depressão, ansiedade e estresse.

Discussão

A partir dos resultados apresentados, percebe-se os altos índices de VPI psicológica na amostra, tanto de vitimização quanto de perpetração por homens e mulheres, demonstrando ser essa a principal forma de violência identificada no estudo. A literatura atual também aponta a violência psicológica como mais prevalente (Honório & Oliveira, 2023; Valério et al., 2024). Corroborando esses resultados, Lemos et al. (2023), em seu estudo com uma amostra de 151 mulheres e 43 homens, encontrou que 76% das mulheres e 80% dos homens sofreram violência psicológica. A violência psicológica emerge como uma das dimensões mais prevalentes nos relacionamentos conjugais; contudo, devido à sua natureza sutil e à falta de manifestação física, muitas vezes é normalizada e não reconhecida como violência dentro das relações por parceiros íntimos (Colossi & Falcke, 2013).

Em relação à perpetração de violências, os resultados apontaram reciprocidade de atos violentos entre o casal. Ou seja, observou-se uma correlação entre a violência psicológica cometida contra o parceiro e a violência psicológica sofrida enquanto vítima. Quando considerada a violência física cometida contra o parceiro, ser vítima de violência física também foi um importante correlato. Esses resultados confirmaram os achados de pesquisas prévias que apresentaram o fenômeno da VPI de forma bidirecional, ou seja, sendo cometido tanto por homens quanto por mulheres (de Moura et. al., 2020; Falcke et al., 2017; Okuda et al., 2011; Rosa & Falcke, 2014).

Outro aspecto relevante a destacar é que não se observou diferença significativa entre os índices de violência sofrida e perpetrada por homens e mulheres, o que indica que abordar a violência conjugal unicamente como uma questão de gênero é uma perspectiva restrita (Chen & Chan, 2019; Paim & Falcke, 2016). Nesse sentido, a literatura tem demonstrado a necessidade de que pesquisas atentem para a vitimização masculina, considerando que a violência contra o homem não recebe a mesma atenção nos estudos sobre relacionamentos íntimos (Alvim e Souza, 2015; Lemos et al., 2023). Segundo Whitaker et al. (2007), a violência mútua ocorre em aproximadamente metade

dos casos de VPI, e esses casos estão associados a consequências físicas e mentais mais significativas do que os casos de VPI sem reciprocidade.

Em relação às crenças legitimadoras de violência conjugal, os resultados revelaram que, de um modo geral, as crenças estão associadas significativamente aos tipos de violência avaliados na amostra de estudantes universitários. As crenças analisadas foram associadas tanto à violência física quanto psicológica. Esses resultados confirmaram a associação encontrada em pesquisas prévias (de Moura et al., 2020; Power et al., 2006). Além disso, um estudo recente realizado por Minto et al. (2022) avaliou as crenças sobre ciúmes no relacionamento em universitários e demonstrou que as crenças foram associadas à VPI psicológica, porém não foram associadas à VPI física. Ademais, em um estudo no qual as crenças sobre relacionamentos em mulheres foram avaliadas, verificou-se que as crenças estavam relacionadas à romantização de comportamentos controladores, o que, por sua vez, estava relacionado a experiências de VPI (Papp et al., 2017).

Ainda em relação às crenças, outro resultado importante foi que os homens apresentaram maiores níveis de crenças legitimadoras de violência conjugal do que as mulheres, o que significa que apresentam maior tendência em legitimar a violência devido à banalização de seus comportamentos. Esse resultado corrobora o que se verifica na literatura (Dantas, 2023; Pinto et. al., 2023). Nesse sentido, Paixão et al. (2018) apontam que homens autores de violência contra mulheres tendem a perceber a violência nas relações íntimas como algo natural, sem necessidade de intervenção externa. Além disso, observou-se que o discurso masculino estava impregnado de estereótipos de gênero, nos quais os homens entendem que seu papel na relação é demonstrar superioridade.

Segundo Cardoso (2019), um dos fatores que dificultam o rompimento do relacionamento são as crenças apresentadas pela vítima, como por exemplo, crenças sobre si mesmo, sobre seu parceiro e sobre seu relacionamento. Essas crenças fariam com que a vítima não atribuisse a devida culpa ao agressor, permanecendo na relação. Crenças equivocadas, como por exemplo, de que o controle sobre o outro é prova de amor resultam em problemas para os parceiros

Richter Neves Peruchin, Garcia Dias & Pereira Teixeira

intimos (**Leahy, 2018**). Nesse sentido, Cardoso (**2017**) destaca que as crenças distorcidas sobre ciúme podem levar ao uso de estratégias desadaptativas no relacionamento, incluindo comportamentos violentos. Dessa forma, a convicção de que o ciúme desempenha um papel crucial no relacionamento pode estar associada à VPI, pois aqueles que atribuem grande importância aos ciúmes são mais propensos a manifestar comportamentos ciumentos ou a buscar parceiros que também o façam (**Hartwell et al. 2015**). A justificação da violência frequentemente decorre de crenças equivocadas que desculpam comportamentos abusivos. Estes, por sua vez, são produto da socialização e internalizados desde a infância, exercendo influência sobre nossos comportamentos (**Mendes & Cláudio, 2010**).

Outra variável analisada foi a sintomatologia para estresse, ansiedade e depressão. Os resultados revelaram existir associação entre a violência conjugal e os escores de depressão, ansiedade e estresse, embora a magnitude das correlações tenha sido baixa. Tal achado está na mesma direção de estudos que relacionaram a vitimização a níveis mais elevados dessas sintomatologias (**Domenech del Rio & Garcia del Valle, 2017; Quintas, 2023; Viana, 2022**).

Corroborando esses achados, Lacey et al. (**2015**) constataram que mulheres que foram expostas à VPI física severa, ou seja, aquelas que foram vítimas de agressões como espancamento, apresentaram um risco **2,46** vezes maior para Transtorno de Ansiedade Generalizada (**TAG**) em comparação com mulheres não expostas a formas graves de violência física. Nesse sentido, Santos e Monteiro (**2018**) apontam que mulheres vítimas de VPI têm uma probabilidade duas vezes maior de desenvolver problemas de saúde mental. As autoras destacam, ainda, que a intensidade das agressões aumenta as chances de as vítimas apresentarem sintomas de depressão.

Além disso, estudos têm evidenciado a presença de comorbidades na VPI, indicando que os indivíduos envolvidos nesse contexto têm uma tendência a apresentar mais de um transtorno psiquiátrico simultaneamente (**Schafer, 2012; Beck et al., 2014**). Adicionalmente, se os episódios de violência não forem interrompidos e sua gravidade aumentar, os transtornos psiquiátricos podem resultar em outras patologias físicas e mentais. Essas, por sua vez, podem desencadear novas consequências, como perda de memória (**Ellsberg et al., 2008**), redução da funcionalidade (**Alsaker et al., 2016; Ellsberg et al., 2008**), levando até mesmo ao desemprego (**Lacey et al., 2015; Selic et al., 2014**).

Ademais, os resultados do presente estudo demonstraram que as mulheres apresentaram maiores níveis de sintomatologia de depressão, ansiedade e estresse do que os homens. Foram encontrados apenas dois estudos que avaliaram aspectos da saúde mental de ambos os sexos associando com a VPI. Silva e Azeredo (**2019**) avaliaram a depressão na vitimização de VPI e observaram maior prevalência em mulheres, quando comparadas aos homens. Já Lemos et al. (**2023**) não encontraram diferenças significativas entre homens e mulheres no que diz respeito à sintomatologia de depressão, ansiedade e estresse. Na literatura muitos estudos abordam o efeito da violência conjugal na saúde mental das mulheres (**Barros et al. 2018; Lourenço & Costa, 2020; Viana, 2022**), sendo que, no que diz respeito à relação da violência conjugal na saúde mental do homem, ou de ambos os sexos, os estudos são mais escassos.

A respeito do outro objetivo deste estudo, a caracterização dos EIDs, é importante salientar que dois EIDs se mostraram mais fortemente associados à VPI: desconfiança/abuso e autossacrifício. O único esquema que se demonstrou preditivo da violência psicológica e física perpetrada foi o esquema de desconfiança/abuso, corroborando

pesquisas prévias que encontraram a mesma associação (**Paim & Falcke, 2016; Paim, 2014**).

A característica central do esquema de desconfiança/abuso é a insegurança nas relações íntimas. A dificuldade em estabelecer relações mais estáveis é atribuída à sensação de não serem aceitos e aos medos relacionados às possíveis consequências negativas de uma relação mais íntima (**Young et al., 2003**). Em vista disso, a violência é utilizada como estratégia mal adaptativa do esquema para lidar com ativações emocionais. Dessa forma, a crença de que os outros são pouco confiáveis é ativada e sustentada nos relacionamentos. Os comportamentos agressivos e abusivos por parte de indivíduos podem ser vistos como uma estratégia para compensar excessivamente o referido esquema (**Paim & Falcke, 2016**). Ademais, cabe ressaltar que o esquema desconfiança/abuso faz parte do domínio Desconexão e Rejeição, o qual está relacionado à ausência de um ambiente seguro e estável, manifestando-se através de experiências sociais primárias negativas, como abuso, distância emocional, rejeição ou isolamento social (**Young et al., 2003**).

O esquema desconfiança/abuso também se mostrou associado com a vitimização de violência física, o que vai ao encontro dos resultados de uma metanálise realizada por Pilkington et al. (**2021**) que identificou uma relação entre o esquema desconfiança/abuso e a vitimização de VPI. De acordo com Algarves (**2018**), as vítimas de VPI, sob influência desse esquema, apresentam uma sensação de impossibilidade de formar vínculos seguros. Desse modo, tendem a acreditar que, assim que o parceiro tiver oportunidade, irão usá-las de maneira egoísta. Assim, suas necessidades de segurança, amor e cuidado nunca serão atendidas. Para Wainer e Rijo (**2016**), pessoas que apresentam esse esquema ativado teriam a tendência a se envolver em relacionamentos íntimos violentos.

Já no que se refere às vítimas de violência psicológica, o esquema de autossacrifício foi um importante preditor, reforçando conclusões de outros estudos que sugerem a influência dessa cognição para a vitimização nos relacionamentos íntimos (**Algarves, 2018; Oliveira, 2018; Paim et al., 2012**). O esquema de autossacrifício pode levar a vítima de violência a presumir que seus interesses e vontades são menos importantes, percebendo o próprio sofrimento como algo confortável, em prol de fazer o parceiro feliz. Dessa maneira, a pessoa evita comportamentos que possam desagradar o parceiro. Ou seja, as necessidades alheias são cumpridas voluntariamente às custas das próprias necessidades (**Kristensen, 2011**).

Adicionalmente, indivíduos com tendência ao autossacrifício podem ser percebidos pelos outros como alvos vulneráveis para agressões, uma vez que tendem a evitar a defesa devido às suas dificuldades em expressar posicionamento e estabelecer limites. Além disso, é importante salientar que o esquema de autossacrifício faz parte do domínio Orientação para o Outro, que, de modo geral, refere-se a uma constante busca de obtenção de amor (**Young et al., 2003**). Tais achados evidenciam que os EIDs são variáveis com importante poder explicativo do fenômeno da VPI, confirmado pesquisas anteriores que também identificaram os EIDs como variável fundamental para compreensão da manutenção da VPI (**Borges & Dell'Aglio, 2020; Ece & Çankaya, 2022**).

Por fim, cabe considerar algumas limitações deste estudo. A primeira delas está relacionada à desejabilidade social, uma vez que os instrumentos utilizados se baseiam em autorrelatos. Dada a sensibilidade do tema, apesar das respostas serem anônimas, é possível que os participantes tenham respondido de acordo com as expectativas sociais, em vez de relatarem verdadeiramente suas experiências, ações ou crenças.



Violência por parceiro íntimo em universitários crenças legitimadoras de violência conjugal e esquemas iniciais desadaptativos

Outra limitação refere-se ao tamanho amostral, o que não permitiu explorar as análises de caráter correlacional separadamente para homens e mulheres, o que poderia produzir resultados específicos a cada gênero. Da mesma forma, a relação entre VPI e a orientação sexual dos participantes não pôde ser explorada devido ao pequeno tamanho amostral dos subgrupos.

Apesar das limitações identificadas, este estudo contribuiu para aprofundar o entendimento sobre a violência entre parceiros íntimos em estudantes universitários. Portanto, seria pertinente considerar iniciativas de conscientização e/ou a inclusão de temas relacionados a esse fenômeno no currículo dos estudantes, através da introdução de disciplinas optativas ou a integração do tema em matérias já existentes, como Ética ou Saúde Pública. Isso se justifica pelo desenvolvimento de crenças durante os processos de socialização. Desse modo, o combate à violência requer uma reavaliação dos valores socialmente transmitidos. Intervir desde cedo torna-se essencial para prevenir o aumento da violência, sensibilizando não apenas as vítimas, mas também os agressores, enfatizando a desarticulação de estereótipos culturais perpetuados ao longo da história.

Considerações Finais

Os resultados dessa pesquisa somam-se aos achados de outros estudos que visam compreender fatores associados à violência por parceiro íntimo. O fato de não ter sido observado diferença significativa entre os índices de violência sofrida e perpetrada entre homens e mulheres, ressalta a visão de que abordar a violência conjugal unicamente como uma questão de gênero é uma perspectiva restrita. Desse modo, cabe a compreender a VPI como um fenômeno em que um indivíduo pode assumir o papel de vítima, assim como o de agressor. Essas conclusões são relevantes tanto para profissionais da saúde quanto para defensores da prevenção da VPI, destacando a importância de redefinir concepções sobre relacionamentos saudáveis em um contexto social mais amplo.

Referências

- Acero, A. M. Q., & Rios-Cataño, C. (2022). Participación de los esquemas desadaptativos en la violencia de pareja y el bienestar psicológico: Una revisión descriptiva de la literatura. *RSocialium*, 6(2), e1408-e1408. <https://doi.org/10.26490/uncp.sl.2022.6.2.1408>
- Algarves, C. P. (2018). Esquemas iniciais desadaptativos de mulheres em situação de violência perpetrada por parceiro íntimo. [Monografia não publicada]. Universidade Federal do Maranhão.
- Almeida, L. S., Ferreira, J. A. G. & Soares, A. P. C. (1999). Questionário de Vivências Académicas: Construção e validação de uma versão reduzida (QVA-r). *Revista Portuguesa de Pedagogia*, 33 (3), 181-207.
- Alp Yilmaz, F., & Şener Taplak, A. (2021). Relationship between self-esteem, perception of gender and attitudes towards dating violence among university students. *Perspectives in psychiatric care*, 57(2). 10.1111/ppc.12634
- Alvim, S. F. (2005). Violência conjugal em uma perspectiva relacional: homens e mulheres agredidos/agressores. *Psicologia: Teoria e Prática*, 7(2), 171-206.
- Barbosa, T. P., Corrêa, M. A., Zimmer, M., & dos Santos Paludo, S. (2019). Domínios esquemáticos apresentados por mulheres em situação de violência conjugal. *Revista de Psicologia da IMED*, 11(2), 51-68. <http://dx.doi.org/10.18256/2175-5027.2019.v11i2.2982>
- Barros S. V., Leal, I. S., Fernandes, F. E. C. V., de Melo, R. A., & de Lacerda Campos, M. E. A. (2018). Violência psicológica contra mulheres usuárias da atenção primária à saúde. *Revista de APS*, 21(3). <https://doi.org/10.34019/1809-8363.2018.v21.16379>
- Barros, É. N. D., Silva, M. A., Falbo Neto, G. H., Lucena, S. G., Ponzo, L., & Pimentel, A. P. (2016). Prevalência e fatores associados à violência por parceiro íntimo em mulheres de uma comunidade em Recife/Pernambuco, Brasil. *Ciência & Saúde Coletiva*, 21, 591-598. <https://doi.org/10.1590/1413-81232015212.10672015>
- Beck, J. G., Clapp, J. D., Jacobs-Lentz, J., McNiff, J., Avery, M., & Olsen, S. A. (2014). The association of mental health conditions with employment, interpersonal, and subjective functioning after intimate partner violence. *Violence Against Women*, 20(11), 1321-1337. <https://doi.org/10.1177/1077801214552855>
- Ben-Ze'ev, A. (2010). Jealousy and romantic love. In S. L. Hart & M. Legerstee (Eds.), *Handbook of jealousy: Theory, research, and multidisciplinary approaches* (pp. 40-54). Wiley Blackwell. <https://doi.org/10.1002/9781444323542.ch3>
- Brewer, N. Q., & Thomas, K. A. (2019). Intimate partner violence and academic performance: the role of physical, mental, behavioral, and financial health. *Social Work in Health Care*, 58(9), 854-869. <https://doi.org/10.1080/00981389.2019.1659905>
- Boscardin, M. K., & Kristensen, C. H. (2011). Esquemas iniciais desadaptativos em mulheres com amor patológico. *Revista de Psicologia da IMED*, 3(1), 517-526.
- Borges, J. L., & Dell'Aglio, D. D. (2020). Early maladaptive schemas as mediators between child maltreatment and dating violence in adolescence. *Ciência & Saúde Coletiva*, 25, 3119-3130. doi.org/10.1590/1413-81232020258.24992018
- Callahan, M. R., Tolman, R. M., & Saunders, D. G. (2003). Adolescent dating violence victimization and psychological well-being. *Journal of Adolescent Research*, 18(6), 664-681. <https://doi.org/10.1177/0743558403254784>
- Cantor, D., Fisher, B., Chibnall, S., Harps, S., Townsend, R., Thomas, G., ... & Madden, K. (2019). Report on the AAU campus climate survey on sexual assault and misconduct. The Association of American Universities, Westat, Rockville, Maryland.
- Cardoso, B. L. A. (2017). Habilidades sociais e satisfação conjugal de mulheres em situação de violência perpetrada por parceiro íntimo. [Dissertação de Mestrado não publicada]. Universidade Federal do Maranhão.
- Cardoso, B. L. A., & Costa, N. (2019). Desenvolvimento de habilidades sociais de mulheres em situação de violência por parceiro íntimo: um estudo teórico. *Interação em Psicologia*, 23, 20-32. <http://dx.doi.org/10.5380/psi.v23i1.53789>
- Caridade, S., Machado, C., & Vaz, F. (2007). Violência no namoro: Estudo exploratório com jovens estudantes. *Psychologica*, 46, 197-214.
- Caridade, S. (2011). Vivências Íntimas Violentas, uma abordagem científica. Edições Almedina.
- Cazassa, M. J., & Oliveira, M. D. S. (2008). Terapia focada em esquemas: Conceituação e pesquisas. *Revista de Psiquiatria Clinica*, 35(5), 187-195. doi:10.1590/S0101-60832008000500003
- Centers for Disease Control and Prevention. (2022). Fast facts: Preventing intimate partner violence. Centers for Disease Control and Prevention. <https://www.cdc.gov/violenceprevention/intimatepartnerviolence/fastfact.html>
- Chen, M., & Chan, K. L. (2019). Characteristics of Intimate Partner Violence in China: Gender Symmetry, Mutuality, and Associated Factors. *Journal of Interpersonal Violence*, 088626051882234. doi:10.1177/0886260518822340
- Choi, Y. J.; Rai, A.; Yun, S. H.; Lee, J. O.; Hong, S.; Cho, H., & An, S. (2024) Risk factors for intimate partner violence perpetration among college

Richter Neves Peruchin, Garcia Dias & Pereira Teixeira

- students: Impact of childhood adversities, *Journal of American College Health*, 72, 1103-1111. DOI: 10.1080/07448481.2022.2068017
- Colossi, P. M., & Falcke, D. (2013). Gritos do silêncio: a violência psicológica no casal. *Psico*, 44(3), 310-318.
- Crawford, E., & Wright, M. O. D. (2007). The impact of childhood psychological maltreatment on interpersonal schemas and subsequent experiences of relationship aggression. In *Childhood Emotional Abuse* (pp. 93-116). Routledge. doi:10.1300/J135v07n02_06
- Cunha, R. V. D., Bastos, G. A. N., & Duca, G. F. D. (2012). Prevalência de depressão e fatores associados em comunidade de baixa renda de Porto Alegre, Rio Grande do Sul. *Revista Brasileira de Epidemiologia*, 15, 346-354. <https://doi.org/10.1590/S1415-790X2012000200012>
- Dantas, M. I. A. (2023). REPRESENTAÇÕES SOCIAIS DA VIOLÊNCIA ENTRE PARCEIROS ÍNTIMOS EM ESTUDANTES UNIVERSITÁRIOS PORTUGUESES (Doctoral dissertation, Universidade de Coimbra). [Dissertação de Mestrado não publicada]
- de Carvalho Mota, T. M. A. (2021). Crenças e significados da violência nas relações de intimidade em estudantes universitários/as. [Dissertação de Mestrado não publicada]. Universidade do Porto.
- de Souza, D., da Silva, M. A., & Beiras, A. (2021). Violência nas relações íntimas entre mulheres. Revisão integrativa da literatura. *Revista Interamericana de Psicología/Interamerican Journal of Psychology*, 55(2), 1-21. ISSN: 0034-9690
- Domenech del Rio, I., & Sirvent Garcia del Valle, E. (2017). The consequences of intimate partner violence on health: a further disaggregation of psychological violence—Evidence from Spain. *Violence against women*, 23(14), 1771-1789. <https://doi.org/10.1177/1077801216671>
- Duval, A., Lanning, B. A., & Patterson, M. S. (2020). A systematic review of dating violence risk factors among undergraduate college students. *Trauma, Violence, & Abuse*, 21(3), 567-585. <https://doi.org/10.1177/152483801872207>
- Echeburúa, E., Fernández-Montalvo, J., Corral, P., & López-Goñi, J. (2009). Assessing risk markers in intimate partner femicide and severe violence: A new assessment instrument. *Journal of Interpersonal Violence*, 24 (6), 925-939. doi: 10.1177/0886260508319370
- Ece, E. K. E. N., & Çankaya, Z. C. (2022). The relationship between early maladaptive schemas and psychological tendencies associated with the romantic relationships in university students: an investigation through the schema therapy model. *Cukurova University Faculty of Education Journal*, 51(1), 689-717. doi: 10.14812/cufej.935734
- Ellsberg, M., Jansen, H. A., Heise, L., Watts, C. H., & Garcia-Moreno, C. (2008). Intimate partner violence and women's physical and mental health in the WHO multi-country study on women's health and domestic violence: an observational study. *The Lancet*, 371(9619), 1165-1172. [https://doi.org/10.1016/S0140-6736\(08\)60522-X](https://doi.org/10.1016/S0140-6736(08)60522-X)
- Elmquist, J., Hamel, J., Shorey, R. C., Labrecque, L., Ninnemann, A., & Stuart, G. L. (2014). Motivations for intimate partner violence in men and women arrested for domestic violence and court referred to batterer intervention programs. *Partner Abuse*, 5(4), 359-374. <https://doi.org/10.1891%2F1946-6560.5.4.359>
- Falcke, D., Boeckel, M. G., & Wagner, A. (2017). Violência conjugal: mapeamento do fenômeno no Rio Grande do Sul. *Psico*, 48(2), 120-129. doi: <https://doi.org/10.15448/1980-8623.2017.2.25148>
- Granado, J. I. F., Santos, A. A. A., Almeida, L. S., Soares, A. P., & Guisande, M. A. (2005). Integração académica de estudantes universitários: Contributos para a adaptação e validação do QVA-r no Brasil. *Psicologia e Educação*, IV (1), 33-43.
- Goodman, M., Wangamati, S. A., Maranga, F. K., Gitari, S., Seidel, S., & Keiser, P. (2021). Childhood experiences and intimate partner violence among Kenyan males: Mediation by self-esteem and impulsivity. *Journal of interpersonal violence*, 36(19-20), 9035-9059. <https://doi.org/10.1177/0886260519862278>
- Guimarães, F. L., Diniz, G. R. S., & Angelim, F. P. (2017). But He Says He Loves me...": Double-Bind and Nomination of Marital Violence. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 33, 1-10. <https://doi.org/10.1590/0102.3772e3346>
- Gündogdu, R., Yavuzer, Y., & Karatas, Z. (2018). Irrational beliefs in romantic relationships as the predictor of aggression in emerging adulthood. *Journal of Education and Training Studies*, 6(3), 108-115. <http://dx.doi.org/10.11114/jets.v6i3.2884>
- Hartwell, L. P., Humphries, T. M., Erchull, M. J., & Liss, M. (2015). Loving the green-eyed monster: Development and exploration of the jealousy is good scale. *Gender Issues*, 32, 245-265. <https://doi.org/10.1007/s12147-015-9141-6>
- Hellmuth, J. C., Gordon, K. C., Stuart, G. L., & Moore, T. M. (2013). Risk factors for intimate partner violence during pregnancy and postpartum. *Archives of Women's Mental Health*, 16(1), 19-27. <https://doi.org/10.1007%2Fs00737-012-0309-8>
- Honório, J. C., & de Oliveira, N. F. (2023). VIOLÊNCIA ENTRE PARCEIROS ÍNTIMOS AUTORRELATADA POR PROFISSIONAIS MILITARES DA FORÇA AÉREA BRASILEIRA: PREVALÊNCIA E FATORES ASSOCIADOS. *Revista Contemporânea*, 3(8), 12715-12734. <https://doi.org/10.56083/RCV3N8-153>
- Karjane, H. K., Fisher, B. S., & Cullen, F. T. (2002). Campus sexual assault: How America's institutions of higher education respond (NCJ No. 196676). *Education Development Center*. <https://www.ojp.gov/pdffiles1/nij/grants/196676.pdf>
- Khosravi, Z., Attari, A., & Rezaei, S. (2011). Intimate partner violence in relation to early maladaptive schemas in a group of outpatient Iranian women. *Procedia-social and behavioral sciences*, 30, 1374-1377. <https://doi.org/10.1016/j.sbspro.2011.10.266>
- Kisa, S., & Zeyneloğlu, S. (2019). Perceptions and predictors of dating violence among nursing and midwifery students. *Journal of advanced nursing*, 75(10), 2099-2109. <https://doi.org/10.1111/jan.13982>
- Krishnan, T. R., Hassan, S. H. S., Satyanarayana, V. A., & Chandra, P. S. (2020). Domestic violence during the COVID-19 pandemic: Lessons to be learned. *Indian Journal of Social Psychiatry*, 36(Suppl 1), S120-S125. DOI: 10.4103/ijsp.ijsp_264_20
- Lacey, K. K., Parnell, R., Mouzon, D. M., Matusko, N., Head, D., Abelson, J. M., & Jackson, J. S. (2015). The mental health of US Black women: the roles of social context and severe intimate partner violence. *BMJ Open*, 5(10), e008415. doi: 10.1136/bmjopen-2015-008415
- Leahy, R. L. (2018). The jealousy cure: Learn to trust, overcome possessiveness, and save your relationship. New Harbinger Publications.
- Leite, T. H., De Moraes, C. L., Reichenheim, M. E., Deslandes, S., & Salles-Costa, R. (2022). The role of income on the relationship between the Brazilian cash transfer program (programa bolsa família) and intimate partner violence: evidence from a multigroup path analysis. *Journal of Interpersonal Violence*, 37(7-8), NP4006-NP4029. <https://doi.org/10.1177/0886260520951>
- Lemos, D. C., Falcke, D., & de Oliveira, E. L. (2023). Ciúme, Violência Conjugal e Saúde Mental: Prevalência e Fatores Associados. *Quaderns de Psicología*, 25(2), 5. <http://dx.doi.org/10.5565/rev/qpsicologia.1921>
- Lourenço, L. M., & Costa, D. P. (2020). Violence between intimate partners and its implications for women's health. *Gerais: Revista Interinstitucional de Psicologia*, 13(1), 1-18. <http://dx.doi.org/10.36298/gerais2020130109>.
- Machado, C., Matos, M., & Gonçalves, M. (2008). Manual da escala de crenças sobre violência conjugal (ECVC) e do inventário de violência conjugal (IVC). *Psiquilibrios Edições*.
- Matheson, F. I., Daoud, N., Hamilton-Wright, S., Borenstein, H., Pedersen, C., & O'Campo, P. (2015). Where did she go? The transformation of self-esteem, self-identity, and mental well-being among women who have experienced intimate partner violence. *Women's Health Issues*, 25(5), 561-569. <https://doi.org/10.1016/j.whi.2015.04.006>
- Mendes, E. R. B., & Cláudio, V. (2010). Crenças e atitudes dos estudantes de enfermagem, engenharia e psicologia acerca da violência doméstica. *VII Simpósio Nacional de Investigação em Psicologia*, 3219-3230.
- Minto, K., Masser, B. M., & Louis, W. R. (2022). Identifying nonphysical intimate partner violence in relationships: The role of beliefs and



Violência por parceiro íntimo em universitários

crenças legitimadoras de violência conjugal e esquemas iniciais desadaptativos

- schemas. *Journal of Interpersonal Violence*, 37(5-6), 2416-2442. doi.org/10.1177/0886260520938
- Momeñe, J., Estévez, A., Pérez-García, A. M., Olave, L., & Iruarrizaga, I. (2021). Estilos de afrontamiento, esquemas disfuncionales y síntomas psicopatológicos relacionados con la dependencia emocional hacia la pareja agresora. *Behavioral Psychology/Psicología Conductual*, 29(1), 29-50. <https://doi.org/10.51668/bp.8321102s>
- Moraes, C. L., Hasselmann, M. H., & Reichenheim, M. E. (2002). Adaptação transcultural para o português do instrumento "Revised Conflict Tactics Scales (CTS2)" utilizado para identificar violência entre casais. *Cadernos de Saúde Pública*, 18(1), 163-176.
- Moura, J. Q., Bordini, T. C. M. P., Krindges, C. A., Kucera, M., & Habigzang, L. F. (2020). Homens autores de violência contra mulher: Um estudo descritivo. *Contextos Clínicos*, 13 (1). doi: 10.4013/ctc.2020.131.09
- Moura, J. Q. D., Habigzang, L. F., Matos, M., & Gonçalves, M. (2022). Escala de Crenças Sobre Violência Conjugal (ECV): Versão Brasileira. *Psico-USF*, 26, 603-616. doi:10.1590/1413-82712021260401
- Murta, S. G., Moore, R. A., Miranda, A. A. V., Cangussú, E. D. A., Santos, K. B. D., Bezerra, K. L. T., & Veras, L. G. (2016). Efeitos de um programa de prevenção à violência no namoro. *Psico-USF*, 21(2), 381-393. <https://doi.org/10.1590/1413-82712016210214>.
- Neilson, E. C., Gulati, N. K., Stappenbeck, C. A., George, W. H., & Davis, K. C. (2023). Emotion regulation and intimate partner violence perpetration in undergraduate samples: A review of the literature. *Trauma, Violence, & Abuse*, 24(2), 576-596. <https://doi.org/10.1177/15248380211036>
- Neves, S., Correia, A., Borges, J., Rocha, H., Costa, S., Peixoto, S., ... & de Género, I. (2022). Estudo nacional sobre a violência no namoro no ensino superior: Crenças e práticas—2020/2021. Associação Plano i. Available online: https://www.cig.gov.pt/wp-content/uploads/2021/02/EstudoNacional_2017_21.pdf (accessed on 1 June 2023).
- Okuda, M., Olfson, M., Hasin, D., Grant, B. F., Lin, K. H., & Blanco, C. (2011). Mental health of victims of intimate partner violence: results from a national epidemiologic survey. *Psychiatric Services*, 62(8), 959-962. https://doi.org/10.1176/ps.62.8.pss6208_0959
- Oliveira, A. M., & Bergamini, G. B. (2018). Esquemas desadaptativos de mulheres em relacionamentos abusivos: Uma discussão teórica. *Revista Científica da Faculdade de Educação e Meio Ambiente*, 9(2), 796-802. <https://doi.org/10.31072/rcc.v9i2.637>
- Oliveira, A. M. D. (2018). Esquemas desadaptativos em mulheres vítimas de violências nas relações íntimas. [Monografia não publicada]. Faculdade de Educação e Meio Ambiente.
- Organização Mundial da Saúde. (2020). Relatório Estimativas globais, regionais e nacionais para violência sexual praticada por parceiros íntimos contra mulheres e estimativas globais e regionais para violência sexual não praticada por parceiros contra mulheres. Retrieved 22, jan, 2021 from <https://who.canto.global/s/KDE1H?viewIndex=0>
- Organização Mundial da Saúde. (2021). Violence Against Women. Retrieved 12, jun, 2022, from <https://www.who.int/news-room/fact-sheets/detail/violence-against-women>
- Paim, K. C. (2014). Experiências na família de origem, esquemas iniciais desadaptativos e violência conjugal. [Dissertação de Mestrado não publicada]. Universidade do Vale do Rio dos Sinos.
- Paim, K. (2016). A terapia do esquema para casais. In R. Wainer, K. Paim, R. Erdos, & R. Andriola (Eds.), *Terapia Cognitiva Focada em Esquemas: integração em psicoterapia* (s.p.). Artmed.
- Paim, K., & Falcke, D. (2016). Perfil discriminante de sujeitos com histórico de violência conjugal: O papel dos Esquemas Iniciais Desadaptativos. *Revista Brasileira de Terapia Comportamental e Cognitiva*, 18(2), 112-129. <https://doi.org/10.31505/rbtcc.v18i2.887>
- Paim, K. C., & Falcke, D. (2018). The experiences in the family of origin and the early maladaptive schemas as predictors of marital violence in men and women. *Análise Psicológica*, 36(3), 279-293. doi: 10.14417/ap.1242
- Paim, K., Madalena, M., & Falcke, D. (2012). Esquemas iniciais desadaptativos na violência conjugal. *Revista Brasileira de Terapias Cognitivas*, 8(1), 31-39.
- Paiva, C., & Figueiredo, B. (2004). Abuso no relacionamento íntimo: Estudo de prevalência em jovens adultos portugueses. *Psychologica*, 36, 75-107.
- Paixão, G. P. D. N., Pereira, A., Gomes, N. P., Sousa, A. R. D., Estrela, F. M., Silva Filho, U. R. P. D., & Araújo, I. B. D. (2018). Naturalização, reciprocidade e marcas da violência conjugal: percepções de homens processados criminalmente. *Revista Brasileira de Enfermagem*, 71, 178-184. <https://doi.org/10.1590/0034-7167-2016-0475>
- Papp, L. J., Liss, M., Erchull, M. J., Godfrey, H., & Waaland-Kreutzer, L. (2017). The dark side of heterosexual romance: Endorsement of romantic beliefs relates to intimate partner violence. *Sex Roles*, 76(1), 99-109. <https://link.springer.com/article/10.1007/s11199-016-0668-0>
- Pilkington, P. D., Noonan, C., May, T., Younan, R., & Holt, R. A. (2021). Early maladaptive schemas and intimate partner violence victimization and perpetration: A systematic review and meta-analysis. *Clinical Psychology & Psychotherapy*, 28(5), 1030-1042. <https://doi.org/10.1002/cpp.2558>
- Pinheiro, I. D. S. (2021). Violência no namoro: repercussões à saúde física, mental e no desempenho acadêmico de mulheres jovens universitárias [Trabalho de Conclusão de curso não publicado]. Universidade Federal do Rio de Janeiro.
- Pinto, S. I. L. A., Pires, C. M. A. F., & Tavares, J. P. A. (2023). Perceção, crenças e conhecimentos dos enfermeiros família sobre violência conjugal: Um estudo exploratório. *Revista de Enfermagem Referência*, 1-7. <https://doi.org/10.12707/RV123.21.29533>
- Power, C., Koch, T., Kralik, D., & Jackson, D. (2006). Lovestruck: Women, romantic love and intimate partner violence. *Contemporary Nurse*, 21(2), 174-185. doi.org/10.5172/conu.2006.21.2.174
- Quintas, J. L. (2023). Associação entre violência pelo parceiro íntimo, perda de recursos, autoestima e sintomas de depressão e ansiedade em mulheres. [Tese de Doutorado não publicada]. Universidade Católica Portuguesa.
- Razera, J., Tomasi, L. M. B., Oliveira, E. L. D., Mosmann, C. P., & Falcke, D. (2022). Direcionalidade da violência em casais heterossexuais. *Psico-USF*, 27, 527-538. <https://doi.org/10.1590/1413-82712031270310>
- Rosa, L. W., & Falcke, D. (2014). Violência conjugal: compreendendo o fenômeno. *Revista da SPAGESP*, 15(1), 17-32.
- Santos, A. G. D., & Monteiro, C. F. D. S. (2018). Domínios dos transtornos mentais omuns em mulheres que relatam violência por parceiro íntimo. *Revista Latino-Americana de Enfermagem*, 26. <https://doi.org/10.1590/1518-8345.2740.3099>
- Scavone, M., & Alvarez, L. (2015). Violência contra a mulher no ambiente universitário. São Paulo: Data Popular/Instituto Avon.
- Schaefer, L. S., Lobo, B. D. O. M., & Kristensen, C. H. (2012). Post-traumatic reactions in adults: How, why and which aspects evaluate?. *Temas em Psicologia*, 20(2), 459-478. <http://dx.doi.org/10.9788/TP2012.2-14>
- Schrag, R. V., Wood, L., & Busch-Armendariz, N. (2020). Pathways from intimate partner violence to academic disengagement among women university students. *Violence and Victims*, 35(2), 227-245. <https://doi-org.ez45.periodicos.capes.gov.br/10.1891/VV-D-18-00173>
- Selic, P., Svab, I., & Gucek, N. K. (2014). A cross-sectional study identifying the pattern of factors related to psychological intimate partner violence exposure in Slovenian family practice attendees: what hurt them the most. *BMC Public Health*, 14, 1-14. <https://doi.org/10.1186/1471-2458-14-223>
- Silva, A. N., & Azeredo, C. M. (2019). Associação entre vitimização por violência entre parceiros íntimos e depressão em adultos brasileiros. *Ciência & Saúde Coletiva*, 24, 2691-2700. <https://doi.org/10.1590/1413-81232018247.25002017>

Richter Neves Peruchin, Garcia Dias & Pereira Teixeira

- Soria Villarez, R. V. E. (2024). Satisfacción familiar como mediadora entre el apego ansioso y la violencia en pareja en universitarios de Trujillo. oai:repositorio.ucv.edu.pe:20.500.12692/135665
- Sousa, F. K. M. (2017). Narrativas sobre relacionamentos abusivos e mudança de sensibilidades do que é violência. Seminário da Fundação Escola de Sociologia e Política de São Paulo, São Paulo.
- Souza, L. H., Damasceno, E. S., Ferronatto, F. G., & da Silva Oliveira, M. (2020). Adaptação Brasileira do Questionário de Esquemas de Young-Versão Breve (YSQ-S3). Avaliação Psicológica, 19(4), pp. 451-460. <http://dx.doi.org/10.15689/ap.2020.1904.17377.11>
- Straus, M. A. (2008). Dominance and symmetry in partner violence by male and female university students in 32 nations. Children and Youth Services Review, 30(3), 252-275. <https://doi.org/10.1016/j.childyouth.2007.10.004>
- Straus, M. A., Hamby, S. L., Boney-McCoy, S. U. E., & Sugarman, D. B. (1996). The revised conflict tactics scales (CTS2) development and preliminary psychometric data. Journal of Family Issues, 17(3), 283-316. <http://dx.doi.org/10.1177/019251396017003001>
- Superior Tribunal de Justiça. (2017). Súmula 600: A Lei Maria da Penha se aplica independentemente de coabitação. Meusite Jurídico. <https://meusitejuridico.editorajuspodivm.com.br/2017/11/22/sumula-600-stj-lei-maria-da-penha-se-aplica-independentemente-de-coabitacao/>
- Valério, I. D. (2018). Violência por Parceiros Íntimos entre Universitários. [Dissertação de Mestrado não publicada]. Universidade Federal de Pelotas.
- Valério, I. D., Soares, A. L. G., Moraes, C. L. D., & Gonçalves, H. (2024). Prevalência, cocorrência e fatores associados da violência por parceiro íntimo entre estudantes universitários brasileiros. Ciência & Saúde Coletiva, 29, e14712023. <https://doi.org/10.1590/1413-81232024299.14712023>
- Viana, G. C. (2022). Ideação suicida em mulheres jovens-adultas vítimas de violência no namoro. [Tese de Doutorado não publicada]. Universidade do Algarve.
- Vieira, A. M. D. S. (2013). Representações sociais da violência entre parceiros íntimos numa amostra de estudantes do ensino superior: o género fará a diferença?. [Tese de Doutorado não publicada]. Universidade de Coimbra.
- Vignola, R. C. B., & Tucci, A. M. (2014). Adaptation and validation of the depression, anxiety and stress scale (DASS) to Brazilian Portuguese. Journal of affective disorders, 155, 104-109.
- Wainer, R., & Rijo, D. (2016). O modelo teórico: Esquemas iniciais desadaptativos, estilos de enfrentamento e modos esquemáticos. In Wainer, R., Paim, K., Erdos, R. & Andriola, R. (Org), Terapia Cognitiva Focada em Esquemas, pp. 47-63. Artmed.
- Whitaker, D. J., Haileyesus, T., Swahn, M., & Saltzman, L. S. (2007). Differences in frequency of violence and reported injury between relationships with reciprocal and nonreciprocal intimate partner violence. American Journal of Public Health, 97(5), 941-947. <http://dx.doi.org/10.2105/AJPH.2005.079020>
- Wright, M. O. D., Crawford, E., & Del Castillo, D. (2009). Childhood emotional maltreatment and later psychological distress among college students: The mediating role of maladaptive schemas. Child Abuse & Neglect, 33(1), 59-68. <https://doi.org/10.1016/j.chab.2008.12.007>
- Young, J. E., Klosko, J. S., & Weishaar, M. E. (2003). Schema Therapy: A practitioner's guide. Guilford Press.
- Young, J. E., Klosko, J. S., & Weishaar, M. E. (2008). Terapia do Esquema: Guia de Técnicas Cognitivo-Comportamentais Inovadoras. Artmed.
- Yurtsever, S. S., & Sütcü, S. T. (2017). Algılanan ebeveynlik biçimleri ile bozulmuşyeme tutumu arasındaki ilişkide erken dönem uyumsuz şemaların ve duygusal düzenleme güçlüğü aracılığı. Türk Psikoloji Dergisi, 32(80), 20-43

